{OPEN SOURCE}

alice vieira

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Capa e editoração eletrônica: Karina Tenório

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V658o VIEIRA, Alice [1994 -]
{Open Source} / Alice Vieira – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.
66 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-412-9

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

LÉSBIA

aprende uma vez mais
e repete: eu sou

um menestrel
                errante

não um bardo
                da corte

ainda que eu ande pelo
vale da sombra da morte
nada temerei porque

hoje o tempo
está favorável:

o vento a chuva
o nada o choro
o poema oroboro

gota d'água: lésbia
morde fino a cauda

eu não tenho casa própria
escreve uma vez mais:

eu não sou um bardo
da corte
                no País de Gales

eu sou uma serpente

                que ama a própria raba

aprende uma vez mais
e repete: eu procuro

o Grande Tema aquilo
que fará da minha língua

a primeira língua a língua
Mater – fundante – mister

que os apóstolos aprendam
que as Sibilas reparem

– mas a contragosto a
língua estala e chia,

me diz um sonoro não
e eu me calo e escolho

dormir

porque não posso
escolher

                entre

corpo e linguagem

COSMOS

adio a Escritura como o Juízo Final
para além das vocações necessárias
poesia enclave de fronteiras
maldosas num pêndulo tributário de
                                nada

vez por outra
como mágica
palavra encantatória
ritual alquimia
não diz nada
mas sugere coisas
antes de encarnar

os destroços
o manipulável
na desagregação

***

muito desconcertado descubro
esta dissonância de verdades:

Órion, o Caçador,
vai explodir antes de passados
os sete infinitos que o separam
das Plêiades fugitivas

também o Sol
se muito cresce
– fatalidade cósmica –
renasce agora:

esquálida anã branca

METAÉTICA

há que se distinguir o espaço da moral o espaço da política
do espaço do poema

esta guerra está perdida
para o Estado e a sociedade civil

eu não conheço outra linguagem
que não a do corpo sacrificial

eu não conheço uma palavra
que não viole a soberania

eu não conheço a música
que não seja apátrida

a paz perpétua
passa longe
                do poema

INICIAÇÃO

infelizmente
é preciso garantir seu futuro
na guarda municipal de Belo Horizonte
infelizmente
o poema não é uma biografia
mas quando piso no edifício Capri
ganho um cartão de visitas
– serei o legítimo estrangeiro?
estranha legitimidade
dos passos em falso
de estar às voltas consigo mesmo
de não estar em busca de nada
e isso mesmo causa de
grande incômodo civilizatório
– o poema não pode ser uma biografia
mas:

proibido estacionar garagem

onde a vala comum
das palavras em trânsito?

VOZES

Para Sérgio Alcides

a verdade mora
por toda a parte

a verdade só não mora
onde não haja Noite

por toda a parte onde
cantam de casa em casa

os menestréis errantes
a verdade canta

cantam os faunos
o *sabbath* das bruxas
                canta

canta o Deus-Corvo
nos bosques canta

a Lua sua clorótica
majestade canta

canta Diana Deusa
Tríplice pelos ares

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2018.